

LA PSYCHANALYSE DE FREUD ET LA NOTRE

Par Denise Maurano

Circunscreveremos o contexto no qual as entidades psicanalíticas resolveram se articular e se encontram aqui, numa mesma mesa de trabalho.

A reunião de representantes de entidades psicanalíticas, as mais diversas de todo o país, em prol da causa da defesa da psicanálise, entidades que tinham por costume, mais lutarem entre si que qualquer outra coisa, é creio eu, um passo e tanto.

Afinal, desde que os psicanalistas inspirados por Freud, se puseram a agrupar-se, a constituir escolas, logo surgiram disputas entre elas, das mais razoáveis, as mais irracionais.

Nessa perspectiva a situação atual da psicanálise não é diferente daquela que Freud nos expõe no texto de 1914 “Contribuições a história do movimento psicanalítico”. Nele transparece muito claramente a disputa entre o que ele chama de Escola de Viena e a Escola de Zurique.

Freud se dedica a mostrar em que as teorias que elas vieram a construir não representam uma escola da psicanálise, mas sim, propostas alheias à psicanálise.

Nessa época, ele, com razão, combatia a idéia de que haveriam três escolas de psicanálise. E como o mestre faz isso? Ou seja, como ele tenta delimitar o que diz respeito à psicanálise e o que foge ao campo psicanalítico? Tentando enunciar o mais claramente possível os postulados e hipóteses fundamentais da psicanálise. E, para nós, é extremamente interessante observar a estratégia utilizada por ele para situar seu trabalho, porque nesta, revela-se o passo-à-passo de uma invenção, não de uma descoberta.

A ciência esmera-se em promover descobertas. Descobrir é desvelar, tirar o véu de algo que já estava lá antes. Uma invenção tem outra natureza: porta, inexoravelmente, a marca de seu inventor. Por isso, não há psicanálise sem Freud. Não há psicanálise sem levar em conta tudo o que circunscreve as contingências de sua criação. Não há psicanálise se a abordagem que se tem do sujeito não considerar o psiquismo como confrontado com o conflito entre os apelos da racionalidade consciente e as exigências indomáveis de satisfação sexual. Não há psicanálise sem que a tragicidade que perpassa nossas vidas encontre um lugar de expressão, e mais do que isso, de *savoir-faire*.

Nesse sentido, em 1914, ou em 2006, no Brasil, ou em qualquer parte, estamos todos no mesmo barco. Num barco onde a autorização para atuar na função de analistas não vem de nenhum diploma universitário ou de nenhuma titulação que seja. Assim, não temos como recuar do risco de termos abraçado um ofício sempre prestes a ser enxovalhado. Mas então porque não regulamenta-lo, ou regula-lo de forma a dizer quem é e quem não é psicanalista? Simplesmente porque “o” psicanalista não existe, é uma função que pode ser assumida por alguém que para além de ter estudado teoricamente e feito suas supervisões, fez um percurso de análise que

implica numa experiência que tem uma dimensão real, denominada por Freud de transferência. E será o modo como a dimensão viva da transferência foi processada e dissolvida em cada trabalho psicanalítico que possibilita ou não, o surgimento de alguém apto a sustentar a função de psicanalista. Estranha função de fazer-se meio para o Outro, e que responde a um desejo estranho e singular.

Nada garante que uma psicanálise termine por fazer advir um analista. Entre querer ser analista e estar apto para sustentar essa função há um largo passo. Não há como regulamentar a psicanálise de ninguém, não há como medir suas possibilidades. Fazer uma análise não é freqüentar um psicanalista. Ainda que este seja muito bom e renomado. Ainda que se faça isso por anos a fio. Nesse sentido, a transferência se constitui como um obstáculo para toda e qualquer regulamentação da psicanálise, porque uma análise só pode ser contada uma a uma, a partir do destino da transferência.

Mas então, o que fazer? Sentar e chorar o infortúnio de sermos expostos a sermos enxovalhados a cada ataque dos evangélicos, ou dos médicos, ou dos psicoterapeutas, ou de quem quer que seja?

Não! Por isso estamos aqui e temos com Freud o compromisso de tentarmos enunciar o mais claramente possível os postulados e hipóteses fundamentais da psicanálise. Ou seja, temos o compromisso de nos empenharmos em transmiti-la com todo o entusiasmo e rigor ético que ela merece. E não podemos esquecer de nos ocuparmos também de sua difusão, questão cara a Freud.

E, se ainda assim, não podemos garantir para o leigo, de maneira inquestionável, o reconhecimento de um bom analista, ou de uma boa escola de formação, podemos pelo menos fazer alguns alertas. Por exemplo: Vale divulgar que quando se trata de psicanálise a propaganda das garantias e facilidade encontra-se em proporção inversa à seriedade. Desconfiem das garantias e facilidade anunciadas.

Vale também observar se o trabalho psicanalítico é feito com independência ou se ele se encontra apenas, submetido a algum credo, religião, ou a alguma outra disciplina, seja filosofia, medicina, psicologia, ou o que for. Porque uma coisa é a psicanálise dialogar com outras áreas, outra é submeter-se a elas.

Outro alerta diz respeito à função do psicanalista na transferência. Se ele não suportar escuta-lo na sua diferença, abstendo-se de apelar às identidades, abstendo a fazer comparações, dar “pitaco”. Ou seja, se a palavra dele não for “bem-dita”, te servindo de meio e não de fim. Se ela ao invés de te por a trabalhar, te impelir a alienar-se numa resposta que não é sua. Preste atenção e corra dele.

É claro que tais alertas não bastam. Temos que nos empenhar em desenvolvê-los, difundi-los. Eles valeriam em 1914, como valem agora. No que tange ao que é fundamental na psicanálise nada mudou: A psicanálise foi inventada para tratar o mal de amor, porque num determinado momento da história do Ocidente a inflação da tematização do amor em nossas vidas fez mal e exigiu que se inventasse um tratamento. Pelo menos ainda, isso não mudou. Haja visto o destino privilegiado do desenvolvimento tecnológico de comunicação, demarcando o império de Eros e de

seus reveses. E não me venham dizer que a questão do dinheiro veio a prevalecer, porque uma é reflexo da outra. O que a economia financeira vela é questão da economia libidinal.

Em meio a tudo isso, O Analista, tal como A Mulher, não existe, o que não impede que existam incidências de sua intervenção seja na cultura, seja na singularidade de muitas vidas. Tal função, afeita à posição feminina, padece

Se é assim, não é à-toa que nos trópicos “calientes”, no Brasil, a psicanálise encontrou tão bem seu lugar e seu reconhecimento. Cabe a nós, aqui reunidos – e a novidade é essa, a nossa reunião – lutarmos, ao modo de bons vigilantes, para que ela permaneça no bom lugar que conquistou.

O que significa sustentarmos a “ Outra cena” , diante do apelo globalizante, espetacularizante, pasteurizador que se apresenta na atualidade. Isso sim, mudou de 1914 para cá. Mas, se as entidades psicanalíticas conseguirem se manterem unidas para isso, já esta de bom tamanho. Não precisamos mais acordos do que esse.

Em vários lugares do mundo não houve articulação e a psicanálise está pagando um preço alto, por isso. Tornou-se refém da psicologia ou da medicina. Vamos aqui apostar em nossa articulação. Apostar que podemos ter um melhor destino. Por que não?

Cher Marie-Jean,

je donnerai les différentes réponses à tes questions dans différentes couleurs, pour que tu puisses les distinguer. Pour distinguer mon écriture de la tienne, j'écris en Arial (tu as écrit en Times New Roman). J'ai aussi donné une couleur différente à chaque association qui participe des réponses. Comme ça, c'est plus facile d'identifier chaque réponse. A chaque fois qu'une nouvelle association entre dans le débat, je mets le nom entier de l'Association suivi de celui du collègue qui la représente dans le débat. Par ex. : **École de Psychanalyse des Forums du Champ Lacanien - EPFCL (Sonia Alberti)**. Après ça, je mets seulement un raccourci du nom entre parenthèses, employant, évidemment, la couleur que j'ai donné à cette institution, par ex. : **(EPFCL)**... J'ai pris les plusieurs réponses reçues et j'ai fait un montage avec. J'espère que ce soit claire. J'ai dû souvent bien réduire les réponses qui étaient souvent très grandes... en plus, je les ai traduites pour la plupart (une ou autre est venu déjà en Français), ce qui exige, évidemment, une correction du Français ! Si tu ne comprends pas, s'il te plaît, dis moi ! J'ai tenu en idée que c'est un entretien pour une revue, mais peut-être tu veux lui donner une autre structure ?

Bises, Sonia.

QUESTIONS A “ L’ARTICULATION ”

Lors du symposium national *Psychanalyse et psychothérapie dans le champ de la santé mentale* qui s’est tenu à Rio du 31 août au 3 septembre 2005, sont intervenus plusieurs membres de l’articulation des associations de psychanalyse du Brésil. L’*Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras* est une initiative qui réunit des analystes d’associations différentes, allant de l’IPA à des groupes lacaniens qui n’ont pas l’habitude de se fréquenter de ce côté-ci de l’Atlantique, et mérite d’être connue. Il ne s’agit pas d’une association ni même d’un groupe de fait, simplement d’une initiative, un mouvement qui a comme seul but soutenir le discours psychanalytique, l’importante de la pluralité entre les associations et l’orientation freudienne. Ce qui frappait était d’entendre non pas un communiqué commun mais des prises de positions singulières de plusieurs membres de ce collectif, qui, sans souci de fausse homogénéité, réussissaient à faire entendre une position commune une sorte de logique collective en acte. C’est cette tresse des singularités que nous souhaiterions donner à lire aux lecteurs de *Psychanalyse*.

Psychanalyse : Est-il possible de faire un bref historique des raisons de cette “ articulation ”, de son fonctionnement, de ses résultats et de préciser les personnes et les groupes de référence ? Comment les membres se sont-ils cooptés, est-il possible d’y accueillir de nouvelles personnes ? Ce “ non groupe ” a-t-il une base associative déclarée (statuts, etc.) ?

Tempo Freudiano Associação Psicanalítica (Eduardo Rocha, Fernanda Costa Moura et Idália de Goes) : L’Articulation a commencé à se réunir pour faire face aux tentatives de réglementation de la psychanalyse qui venaient, au début, d’une façon très surprenante, de groupes relevant de religions évangéliques qui créaient des cours de psychanalyse dans plusieurs villes au Brésil.

École de Psychanalyse des Fóruns du Champ Lacanien – EPFCL (Sonia Alberti) : Des cours non reconnus par les psychanalystes ; ainsi que en raison de tout un champ d’investissement économique – plusieurs s’intéressaient à dispenser ces cours qui n’étaient pourtant officiellement pas reconnus, ce qui ne leur permettait de ne donner que des diplômes non-officiels – ; ces groupes religieux croyaient pouvoir réglementer la psychanalyse de telle façon qu’ils arriveraient à avoir le droit légal de la promouvoir. Ce serait une psychanalyse légalisée sans, pourtant, avoir aucun rapport à la cause freudienne !

Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro – SPCRJ (Marisa Queiroz) : Oui, et la formation du psychanalyste est avant tout un processus complexe et “ métamorphique ”, pas seulement un savoir intellectuel...

(Tempo :) Dans l'Articulation, se réunissent des représentants du *Conseil Fédéral de Psychologie (CFP)* ainsi que de plusieurs institutions psychanalytiques avec l'objectif commun de lutter contre toutes les formes de réglementation de la psychanalyse qui ne sont pas celles proposés par Freud, justement.

Associação Brasileira de Psicanálise (– qui associe toutes les associations de l'IPA au Brésil) – ABP (Wilson Amendoeira) : Le *CFP* est une autarcie juridique, de droit public, qui doit orienter, discipliner et fiscaliser l'exercice des psychologues au Brésil. A vrai dire, depuis 1998, l'*ABP*, en association avec le *CFP*, la collaboration du *CFM (Conseil Fédéral de Médecine)* et celle de l'*Association Brésilienne de Psychiatrie*, conduit des démarches contre la fausse publicité d'une profession de psychanalyste, et, ensemble, ces organisations ont décidé d'inviter des institutions psychanalytiques pour renforcer ce travail. Les entités du champ psychanalytique qui furent invités, couvraient une grande partie des professionnels qui se dédient sérieusement à l'étude et à la pratique de la psychanalyse, malgré les divergences théoriques sur la formation...

(Tempo:) Le mouvement n'est pas référé à un groupe ou à des personnes particulières, mais on partage la responsabilité de nos actions entre ceux qui, à chaque moment, ont plus de disponibilité de temps. Au début, la réunion s'est organisée à l'initiative de quelques uns qui en ont invité d'autres. Aujourd'hui, pour participer, il faut l'indication favorable de deux institutions déjà participantes.

(ABP:) ... et sans aucune interférence de l'État ou des pouvoirs constitutionnellement constitués.

(EPFCL :) De cette façon, les institutions qui en font partie, sont strictement celles qui se reconnaissent entre elles comme des institutions qui forment des psychanalystes.

(Tempo :) L'Articulation n'a donc aucune base associative déclarée – il y a ceux qui l'envisagent et d'autres non, parce que ces derniers en font la particularité du fonctionnement de ce groupe. Nous avons déjà pu sensibiliser des députés, discuter avec différents groupes et manifester nos positions dans la presse et, de cette façon, obtenir la suspension des projets réglementaires, qui n'ont pas été loin.

Psychanalyse : Vous donnez l'impression que, malgré un situation économique difficile, le lien social tient le coup au Brésil tandis que la psychanalyse y est non seulement moins mal traitée qu'en Europe, mais elle occupe mieux le terrain que la psychologie, la psychiatrie et la psychothérapie. Pourtant, le législateur entend la soumettre à une réglementation, ainsi que cela se passe dans tous les pays développés. Etes-vous si éloignés que cela de la logique qui trame le discours capitaliste ?

(Tempo :) Au Brésil, le signifiant psychanalyse est pas mal diffusé mais aussi confondu avec toutes formes de psychothérapies, ce qui ne lui donne pas un lieu net dans notre culture. Aussi, même au Brésil, nous observons des avancés des thérapies chimiques et cognitives...

(ABP:) L'histoire de la psychanalyse au Brésil commence avec la présentation faite par le psychiatre Juliano Moreira, à l'École de Médecine, à Bahia, en 1899. Il y a de ce fait une tradition académique de la psychanalyse, en même temps qu'un esprit d'avant garde. Dans les années 1960, l'atmosphère libertaire et " désalienante " d'une part, et, d'autre part l'emploi dans l'Éducation et dans la Santé Mentale – par exemple dans les communautés thérapeutiques dans des hôpitaux psychiatriques – ont garanti à la psychanalyse une fonction humanisatrice.

(EPFCL :) En même temps, il faut le dire, des zones d'ombre se sont aussi abattues sur l'histoire du Brésil, comme il est bien connu, avec des psychanalystes qui se sont alliés à la police de la dictature de droite dans ces mêmes années 1960-70... ce qui a été dénoncé par quelques collègues qui n'ont pas suivi l'ordre de l'IPA de se taire. Scandale dénoncé, d'ailleurs, pendant une table ronde dans une université à Rio ! Ce qui montre, à nouveau, l'importance de l'académie dans l'histoire de la psychanalyse au Brésil. À l'époque, il y a eu même un premier projet pour la réglementation de la psychanalyse qui visait à la restreindre seulement aux médecins... en fonction de la crainte de la perte du marché mais aussi comme essai de maintenir la psychanalyse éloignée des étudiants et des mouvements de gauche – tendance qui s'est maintenue pendant la dernière dictature.

(Tempo :) Aujourd'hui l'intérêt pour la réglementation vient de groupes extérieurs à la psychanalyse, probablement intéressés à profiter de la diffusion du signifiant psychanalyse pour le marché de consommation *psycho-réligieux*. Finalement, encore plus récemment, le *Conseil Fédéral de Psychologie (CFP)* soutient à son tour un projet de réglementation des psychothérapies...

(ABP:) Pour l'instant, je crois que la plus grande pression sur notre champ viendra des actions systématisés des caisses d'assurance santé privées – la plupart de nos caisses sont privées –, même s'il n'y a pas une tradition au Brésil d'augmentation tarifaire en fonction de traitements psychanalytiques, ni même, psychothérapiques. Comme dans d'autres pays, plus immédiatement nous aurons probablement chaque fois plus de demandes juridiques concernant des résultats des traitements, les mauvais professionnels et d'autres plaintes de cet ordre.

Si on considère l'insertion de la pratique de la psychanalyse aujourd'hui dans les divers champs de la santé mentale et des politiques publiques envers l'enfance, le troisième âge, les écoles, les recherches, la littérature, l'art et la musique, il devient

presque naturel que cela réveille des tentatives de contrôle, voire de manipulation, pour certains secteurs sociaux, auxquels nous nous confrontons. Si nous additionnons les milliers de personnes qui, au long des années, ont bénéficiés de la psychanalyse pure, il n'y a pas de doute que le panorama est assez vigoureux, avec des combats que, pour l'instant, nous menons avec succès.

(EPFCL:) L'Articulation travaille pour qu'il ne soit jamais oublié que la psychanalyse n'est pas une psychothérapie à proprement parler et ne peut donc pas être réglementée dans l'ensemble des psychothérapies, même si l'idée de le faire est une tentative de soutenir l'éthique humanitaire contre le pur et simple profit économique.

(SPCRJ:) Nous savons que le processus de la formation du psychanalyste est long, exige beaucoup d'études, une longue analyse et beaucoup de contrôle, et que, surtout, il exige beaucoup d'éthique.

(EPFCL:) Oui, et l'éthique de la psychanalyse n'est pas humanitaire, ce que Lacan nous a très bien appris ! De toute façon, tout cela montre que la psychanalyse, au Brésil, n'a jamais été séparée des mouvements sociaux et politiques, qu'il y a eu des collègues qui étaient associés aux mouvements d'avant garde tandis que d'autres croyaient pouvoir œuvrer pour une psychanalyse purifiée de toute idéologie – position évidemment trompeuse et propice à passer sous silence les plus grands horreurs, comme la torture –, qu'elle a souvent eu son mot à dire, et qu'elle est profondément ancrée dans notre culture et notre histoire depuis le début ! Probablement avant même de l'arrivée, au Brésil, du capitalisme contemporain... A nous de veiller pour sa continuité !

Psychanalyse : “ L'articulation ” est donc née pour mieux faire entendre le refus de toute réglementation dont les pouvoirs publics menacent la psychanalyse. Qu'est-ce qui vous a poussé à faire d'emblée autre chose que les Etats généraux de la psychanalyse ou un groupe de contact constitué des responsables associatifs ? Comment avez-vous franchi les difficultés de langue entre lacaniens et non lacaniens, et, d'ailleurs, entre les lacaniens eux-mêmes ?

Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (Corpo – Denise Maurano): Le refus de toute réglementation n'est pas un accord dès le début, je pense qu'il est une conquête. Une conquête tout à fait fragile, car il y a toujours quelques suggestions de réglementation, même de la part des institutions qui font partie du groupe de l'Articulation. Mais cette position, ancrée sur la crainte d'une mesure du gouvernement, n'a pas, à mon regard, force d'argumentation en ce moment.

Je pense que les États Généraux sont encore une initiative qui a pour souci des problèmes qui sont internes aux mouvements institutionnels de la psychanalyse avec leurs disputes. L'Articulation a été créée à cause d'une menace vraiment externe, tout d'abord, venue des initiatives de certains religieux qui envahissaient le champ de la pratique psychanalytique et désiraient donc une réglementation qui leur serait

beaucoup plus facilitatrice qu'aux psychanalystes eux mêmes. Comme nous avons besoin de force pour faire face au projet qui marchait vers le Congrès, il a fallu convoquer les associations et pas les analystes individualisés. Ainsi, la difficulté de langue a été franchie rapidement. Quand il y a une menace externe, c'est plus facile. Ensuite, avec la convivialité et le fort caractère latin de notre culture, où il y a une certaine disponibilité ludique dans le contact – c'est à dire, notre expérience avec le mélange et la multiplicité –, notre Articulation a pu élargir son espace.

(Tempo :) Dans nos réunions, les présents discutent leurs points de vue, exposent les modes selon lesquels les autres membres de leurs institutions d'origine voient le problème, et essaient d'affiner un discours commun qui puisse préserver l'objectif majeur. Nous ne discutons pas des questions de la pratique ou de la théorie psychanalytique, nous parlons très peu sur la formation que chaque institution dispense puisque, d'un commun accord, nous jugeons que cela est de la responsabilité de chaque institution. Ce qui nous intéresse est d'affiner notre position, à partir de la psychanalyse elle-même, pour une opposition aux réglementations en dehors du champ. Peut-être que ce pragmatisme nous aide à soutenir une articulation dans nos immenses diversités.

(ABP:) Nous parlons beaucoup !

(EPFCL:) Dans nos réunions qui ont une régularité moyenne de quatre fois par an – sauf quand il y a quelque chose de très urgent à décider et qui nécessite une réunion supplémentaire – parler est ce que nous faisons le plus fréquemment ! Nous parlons beaucoup plus que nous ne décidons ! Depuis toujours c'est la manière dont les êtres parlants arrivent à faire quelque chose ! Même si le sentiment d'irrésolution est souvent présent... c'est, probablement, la façon que nous avons trouvée de fortifier la psychanalyse, cent ans après sa création... même si ça peut sembler naïf... La psychanalyse nous apprend que parler c'est la meilleure chose à faire quand il y a des problèmes ! Si cela ne marche pas, la psychanalyse elle-même manque d'efficacité puisque c'est inscrit dans son mode de fonctionnement le plus fondamental !

(ABP:) Les difficultés qui découlent du fait des différences entre lacaniens et non lacaniens ne peuvent évoluer qu'avec la parole. Le groupe lacanien, peut-être pour des raisons historiques liées à leur propre mouvement, est très souvent de l'avis que tout peut se réduire aux essais de réglementation de "l'irréglementable", raison pour laquelle nous revenons très souvent sur ce point...

Psychanalyse – Apparemment, "l'Articulation" ne se soucie pas du tout des psychothérapeutes que la législation menace. C'est peut-être une différence avec deux des positions majoritaires en France : l'une proposer de s'allier avec les psychothérapeutes pour donner plus de poids à la résistance au gouvernement, tandis

que l'autre voulait que les psychanalystes non médecins et non psychologues puissent bénéficier de la législation sur les psychothérapies – ce qui a été obtenu. Est-il possible de préciser la position de “ l'articulation ” sur ce point ?

(Corpo :) La psychothérapie est une des attributions des psychologues, des psychiatres, ou d'autres catégories dans le champ de la santé mentale. Ils sont tous réglés par des conseils spécifiques (CFP et CFM, par exemple). Actuellement nous voyons surgir une *Association Brésilienne de Psychothérapeutes*...

(EPFCL:) Il y a deux ans qu'elle a été créée, initiative soutenue par le CFP..., pour plusieurs raisons entre lesquelles surtout: des raisons déontologiques : le souci de faire face au charlatanisme ; des raisons politiques : les difficultés de dialogue avec les médecins ; et des raisons économiques : difficultés de dialogue avec les entreprises privées d'assurance, et surveillance du marchés. Toutes ses préoccupations sont complètement externes à la psychanalyse !

(Corpo :) Pour l'instant, nous sommes en train de dialoguer avec ses *leaders*, et ce que nous observons, c'est qu'ils sont tout à fait voués à ces questions de marché des agences médicales. Notre position – qui nous essayons de rendre publique (par exemple, en vérifiant les possibilités de participer à des réunions promues par ces agences) –, c'est de ne pas donner d'appui à cette initiative.

(Tempo :) Au départ, notre position était de ne pas nous mêler des questions de la réglementation des psychothérapies, mais après nous avons vu que ça recèle des conséquences pour la psychanalyse.

(EPFCL:) Surtout face aux nouvelles qui nous viennent tout le temps de l'Europe...

(Tempo :) Notre position, pour l'instant, est contestataire face aux arguments régulateurs des psychothérapies dans la mesure où ils nous semblent n'être que des prétextes pour atteindre à une hégémonie du marché des assurances maladie, ce qui se vérifie quand on essaye de comprendre les arguments. Ils sont faux et ne visent que le consensus dans un champ voué au contresens.

(EPFCL:) En effet, *l'Association* n'admet que des professionnels individuellement et leur demande de laisser dehors toute idée de spécificité d'un champ thérapeutique, elle soutient même l'idée qu'il y a beaucoup plus de choses en commun entre les différentes pratiques psychothérapeutiques que de différences, différences identifiées alors plutôt à des purismes ségrégationnistes. Pour nous, c'est un bel exemple des manoeuvres dont un groupe est capable pour obtenir que chacun marche selon ses consignes, laissant dehors toute autre référence... N'est-ce pas très proche de l'idée qui oriente aussi le *DSM* depuis sa troisième édition : d'être *athéorique, ahistorique* et

adoctrinal ? En outre, n'admettant que des personnes – et non pas d'institution – l'Association donne marge à une certaine liberté de choix individuel. Quelques membres de cette Association de Psychothérapeutes sont aussi membres d'une institution psychanalytique. À chacun de résoudre ce paradoxe !

Psychanalyse : Est-il inimaginable que " l'articulation " survive à la fin de la menace de réglementation de la psychanalyse ? Est-il impensable qu'elle se maintienne autour d'une raison positive cette fois – par exemple la question de la transmission de la psychanalyse ? Est-il possible de dire quelque chose de la passe et de la forme " école " promue par Lacan ?

(Tempo :) Nous ne croyons pas que l'Articulation doive se proposer d'autres objectifs. Son seul objectif est de s'opposer aux initiatives de réglementation du champ. Cela est sa marque originale et qui lui donne sa puissance, orientant ses actions à travers lesquelles elle peut contribuer à la question de la transmission de la psychanalyse.

(SPCRJ:) Ce thème de la transmission de la psychanalyse, qui est toujours beaucoup discuté dans nos communautés analytiques, est aussi une préoccupation pour l'Articulation dans la mesure où le mouvement a surgi en raison, justement, de l'action de certains groupes qui semblent ignorer les prémisses fondamentales de la psychanalyse avec l'idée de " former ", d'une façon complètement erronée, " des professionnels de l'inconscient " dans des cours rapides – avec droit au diplôme, manuels avec tests pour les diagnostics, questionnaires pour le premier entretien, recettes et idées pour les " urgences " et pour le décor du cabinet – et toutes la bureaucratie qui va avec.

(EPFCL:) Souvent nous nous sommes penchés sur la question de la transmission et de la formation pour arriver à identifier, dans l'énorme pluralité d'orientations dans l'Articulation, les lignes autour desquelles il serait possible d'affirmer la spécificité de la psychanalyse et de sa pratique pour le monde en dehors de la psychanalyse elle-même.

(Corpo :) La réunion autour de la transmission de la psychanalyse se réduit à une possible prise de position devant l'opinion publique afin de la renseigner à propos des questions fondamentales de la psychanalyse, ce qui renforce sa non-réglementation en dehors de ses propres références. Ainsi, on passe loin de la " passe ". C'est une question qui est travaillé à l'intérieur des Écoles et l'Articulation n'en est pas une.

(ABP:) La question sur la passe et l'"école", je la laisse à mes pairs lacaniens.

A partir de la conception de l'Articulation en tant que mouvement qui réunit des entités indépendamment des filiations, et dans la mesure où la transmission est un des points nodaux autour desquels se tressent les grandes différences entre les

grandes lignes de division du mouvement psychanalytique, je pense perceptible lune raison positive majeure pour son maintien et son maniement. Nous pourrions avoir une conception d'auto-réglementation du champ qui pourrait s'esquisser de cette manière : la reconnaissance d'une entité supra-institutionnelle, constituée par des représentations des champs variés, des orientations et écoles psychanalytiques, qui reconnaissent, à partir de critères minimaux mais reconnus par tous, les institutions qui répondraient à des paramètres établis par l'ensemble ; cette entité rendrait ensuite public la présentation des institutions qui seraient reconnues par elle comme formatrices de psychanalystes, sans aucune interférence de l'État ou d'un pouvoir qui soit par lui constitué. Je trouve que l'Articulation pourrait être le premier pas possible. Mais d'autres en attendent une réflexion, des dialogues, l'élaboration de questions, la mise de notre savoir à l'épreuve et, pour couronner la chose, la libération de nos chaînes !

(SPCRI:) De toute façon, ces groupes intéressés à réglementer la psychanalyse en tant que profession ne semblent pas conscients de la règle fondamentale selon laquelle celui qui veut analyser les autres doit, d'abord, être lui même un analysé. Le psychanalyste professionnel – y inclus tous les aspects bureaucratiques – est le plus éloigné possible de ce qui caractérise le plus authentiquement le psychanalyste : son rapport au désir d'être analysé.

(EPFCL:) Tout ce qui est de l'ordre du désir de l'analyste est laissé dehors, dans ces cas.

(Corpo :) Je pense que l'Articulation ne survivra qu'en tant que faisant face à cette menace de réglementation. S'il n'y a plus cette menace, il n'y a plus de raison d'être pour l'Articulation, Néanmoins je pense qu'il est presque impossible que cette menace disparaisse... Une fois quelle a été déclenchée, il y aura toujours cette possibilité.

Psychanalyse : Vu de France, " l'articulation " apparaît non pas comme une association complémentaire, celle qui manquerait à l'ensemble des associations. Elle n'est pas non plus une suppléance de l'autorité qui pourrait faire que les associations psychanalytiques se constituent justement en ensemble fermé, consistant et fini. Elle a les caractères d'une association supplémentaire : c'est-à-dire d'une association qui fait que chaque association est décomplétée par l'Articulation dès lors que l'un de ses membres est invité à y participer. Lacan associe le supplémentaire à ce qui met le savoir en échec : le féminin, le sinthome... Ne pensez-vous pas avoir inventé un type d'association non seulement congruent pour ces temps d'attaque contre la psychanalyse mais à la hauteur de ce qu'exige le discours analytique ?

(Corpo :) L'idée de l'articulation comme une association supplémentaire est parfaite. La revue *Psychanalyse* a bien capté " l'esprit de la chose ".

(Tempo :) Nous n'avons pas encore réfléchi théoriquement sur notre mode de fonctionnement. Pourtant, la façon pragmatique d'opérer s'oriente à partir des quadrants que l'éthique psychanalytique institue – ce qui ne peut donc pas être séparé du discours analytique, présent dans la manière dont nous nous organisons.

(EPFCL:) Une chose est sûre: l'Articulation est si fragile comme tout ce qui met le savoir en échec... c'est déjà arrivé qu'on parte de la réunion avec la crainte que ça ne marchera plus, avec des questions sur la validité de la chose, et la sensation qu'on perd son temps ! pourtant, comme le réel, on y revient toujours, depuis plus de cinq ans ! Et, en plus, pas mal entre nous veillent sur l'Articulation maintenant, pour qu'elle survive !

(Tempo :) Notre plus grand but est d'essayer de barrer les initiatives de réglementation avec un ensemble de collègues pour lesquels toute initiative de cet ordre constitue un vrai risque pour la transmission de la psychanalyse.

Psychanalyse : Quel bilan faites-vous de votre expérience ? Quelles sont vos perspectives ?

(Tempo :) Nos perspectives dépendent de l'intérêt que les institutions analytiques auront d'entreprendre des discussions à l'intérieur d'elles mêmes et de prendre position.

(Corpo :) Au début je croyais possible un accord entre les institutions, autour de l'éthique de la psychanalyse, pour mieux soutenir sa transmission. Mais c'était de l'ordre d'un idéal. Bientôt j'ai vérifié que même cela ne serait pas possible... Pour moi, d'abord cela a été une déception, mais je me suis aperçu qu'il y avait un caractère bien précis dans notre ensemble : presque une mission de vigilance devant les menaces externes, ce qui n'est pas peu. Le temps passe et pendant que nous sommes réunis il y a aussi des effets de transmission entre les membres de différentes institutions. C'est déjà pas mal ! Mais il ne faut pas attendre beaucoup de tout ça...

(ABP:) Le mouvement a gagné en puissance au moment de la troisième réunion, parce qu'il était nécessaire d'organiser une réaction à un projet, présenté par un député à l'Assemblée Législative, qui visait la réglementation. On était avril 2001. Nous avons écrit et après approuvé un premier Manifeste, signé par toutes les entités psychanalytiques présentes et par beaucoup d'autres après (65 institutions psychanalytiques et 10 non psychanalytiques au Brésil, ont signé ce premier Manifeste). Envoyé à des députés, à des journaux, à des ministres de l'État, et, surtout, aux commissions qui élaboraient les rapports sur le projet du dit député, le Manifeste nous a aussi accompagné pendant la séance publique à laquelle nous avons participé à

la Chambre des Députés pour défendre notre position. C'est ainsi que le rapporteur a pu nous entendre et rejeter le projet. Et, après les discussions qui ont suivi, le député a retiré son projet. Ce n'était pas la dernière tentative législative, nous en avons barré d'autres, et nous veillons infatigablement à tout changement d'initiatives dans le parlement. A côté de ça, nous veillons aussi contre toute offre de formation en psychanalyse par des entités que nous ne reconnaissons pas entre nous parce que la formation psychanalytique qu'elles suivent ne prend pas en compte ce qui est établi dans notre Manifeste : " la formation des psychanalystes se fonde sur trois activités complémentaires et indissociables entre elles : l'analyse personnelle, les cours théoriques et la supervision des cas cliniques". A côté de ça, les entités de l'Articulation – au contraire de celles que nous ne reconnaissons pas – peuvent faire remonter leur généalogie psychanalytique jusqu'à Sigmund Freud comme ayant toujours fait partie de la communauté psychanalytique.

À la fin de l'année 2005, nous avons approuvé un grand forum pour réunir des psychanalystes de toutes filiations ; et, en octobre 2006, pour vérifier ce que pensent les psychanalystes brésiliens sur ces questions, pour les informer de nos travaux depuis plus de cinq ans et pour débattre des modes 'organisation dans le monde, ainsi que des formes de solutions trouvées dans plusieurs pays pour les questions discutées au sein de l'Articulation.